

Curiosidade Epistemológica

A Curiosidade Epistemológica é um conceito central na construção das aprendizagens, especialmente na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Discutida amplamente na obra de Paulo Freire, ela é defendida como ponto de partida para que as diversas formas de investigações e problematizações nasçam no contexto escolar. A curiosidade epistemológica pode ser compreendida como a disposição e a busca constante do ser humano para conhecer, pesquisar, entender e assim, construir aprendizagens.

Na EJA, é importante entender que a curiosidade epistemológica não se resume a um interesse superficial ou mecanicista pelo conhecimento, essa poderia ser definida como uma curiosidade ingênua, mas por sua construção, com intersecções de gênero, raça e classe social, e suas complexidades, por exemplo. A curiosidade epistemológica envolve um engajamento profundo e consciente de estudantes e educadores com o processo de aprendizagem, onde o estudante é incentivado a refletir sobre sua própria realidade, a questionar as estruturas que a sustentam e a construir saberes a partir de sua vivência. Esse tipo de curiosidade é essencial para o desenvolvimento de uma educação que não seja apenas transmissiva, mas também inclusiva, integral e equitativa, como previsto no Currículo da Cidade.

A partir do despertar da curiosidade epistemológica é possível que se construam alternativas pedagógicas para se entender conceitos, teorias ou fenômenos de forma mais ampla e integrada. A curiosidade epistemológica envolve um processo de aprendizagem que busca não só informações, mas a compreensão dos fundamentos, contextos e implicações desse saber. Ela se materializa na vontade do estudante de explorar as causas e as razões por trás das coisas, muitas vezes com um interesse em construir ou aprimorar soluções para questões do seu próprio cotidiano. Ela está engajada diretamente no clima escolar.

Projetos que valorizem, por exemplo, as histórias de vida dos estudantes e o seu repertório linguístico podem despertar na turma o clima escolar para compreender os sotaques, as diferenças de vocabulário, as regionalidades e a diversidade da cultura brasileira. Conhecer como a Língua Portuguesa pode ser vasta, rica e bonita, de norte a sul do país, pode ser um campo fecundo para o florescer da escrita, da leitura e da comunicação, além de fortalecer as diferenças e criar em sala, como nos mostra bell hooks, um clima de entusiasmo para a construção de aprendizagens.

Para conhecer um projeto que trata destas temáticas e iluminar a sua prática docente, assista ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=KrbEhglgqP8>

Despertar nos estudantes a vontade de construir novos conhecimentos, de forma crítica, complexa e aprofundada, é um princípio que deve fazer parte de um processo dialógico, em que

educador e educando, juntos, busquem o conhecimento a partir das experiências vividas e da realidade concreta, dando-se forma à construção de novas aprendizagens e novas indagações.

O ato de pesquisar, advindo de boas perguntas, propõe uma educação baseada na troca, no questionamento, nos saberes que os estudantes já carregam por suas histórias de vida e na reflexão crítica do contexto que os cercam. Tudo isso implica, justamente, a valorização das perguntas, mais do que das respostas prontas e pré-determinadas. É sabido que na EJA, ao invés de simplesmente transmitir informações, o educador deve criar um ambiente no qual os alunos possam questionar o mundo ao seu redor e refletir sobre ele.

Toda pesquisa começa com uma pergunta e toda pergunta vem da curiosidade de saber mais.

A especificidade da EJA visa atender àqueles que não tiveram acesso ou não conseguiram concluir os estudos na idade apropriada. No entanto, a EJA não deve ser vista como um “restauração” da educação perdida, mas como uma prática educativa que deve respeitar a experiência de vida do educando, promovendo a participação ativa e a reflexão crítica sobre a realidade. Nesse contexto, conhecer e aguçar a curiosidade epistemológica dos estudantes é uma ferramenta poderosa para as aprendizagens de jovens e adultos, pois permite que esses estudantes, que muitas vezes trazem consigo um vasto repertório de vivências e saberes, se tornem protagonistas do seu próprio aprendizado.

Pensando no planejamento das ações pedagógicas na EJA, como os conhecimentos científicos podem se conectar com os saberes trazidos pelos estudantes? Quais as necessidades de aprendizagens desta estudante que retorna à escola após 50 anos? Por que um jovem de 16 anos de idade está matriculado na EJA? Como fazer com que ele se interesse pelos temas escolares? Como garantir as aprendizagens da estudante jovem que precisa cuidar dos filhos? Essas e outras perguntas precisam fazer parte do planejamento radical na EJA.

Por sua complexidade, o planejamento junto ao coordenador pedagógico, junto à equipe docente - em colaboração - precisa acontecer, com rigorosidade metódica, como nos mostra Paulo Freire.

A utilização da pesquisa e da investigação na apropriação dos saberes científicos na EJA não se limita à uma educação conteudista. Ela busca, sobretudo, a construção de uma educação que seja relevante para os educandos, respeitando suas histórias de vida e conectando os conteúdos escolares com as questões do cotidiano e muitas vezes, se relacionam com o mundo do trabalho e com o exercício pleno da cidadania.

É necessário que na EJA, seja promovido um ambiente em que o estudante é incentivado a perguntar e a desenvolver uma postura ativa frente à construção das aprendizagens. Ao ensinar os alunos a formular perguntas e a buscar respostas a partir de sua própria realidade, os educadores oferecem uma abordagem inclusiva, integral e equitativa que favorece o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de aprender dos estudantes.



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Mais informações: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Consulte acervo disponível no Centro de Documentação da Educação Paulistana: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep

Este conteúdo é parte integrante do documento “Organização Pedagógica - 2025”. Código da Memória Documental: SME56/2025